

A Voz do Índio? A articulação dos mediadores entre a história contada e a história escrita.

Maria Cristina dos Santos¹

Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS,
Seminário Temático *Os Índios na História: Fontes e Problemas*, 15-20 de julho de 2007

Favor citar corretamente!

Resumo: A proposta deste estudo é apresentar as divergências e convergências entre os discursos elaborados por cronistas, missionários, funcionários reais para dar conta dos sucessos da conquista e evangelização dos indígenas, nos quais estes últimos aparecem como sujeitos de “falas” ou diálogos. Nesta medida se buscará analisar o papel e as condições colocadas pelos mediadores enquanto hierarquizadores da condição do indígena como sujeito de palavras e atitudes. Nesta análise serão estudadas as “falas” atribuídas aos indígenas reproduzidas por diferentes mediadores culturais, são eles: um conquistador do século XVI, um missionário do século XVII e um funcionário do século XVIII.

Palavras-Chave: documentação colonial – discursos indígenas – mediadores

Abstract: This paper focuses on the divergences and convergences between accounts elaborated by chroniclers, missionaries, and royal employees, which seek to account for the successes of the conquest and conversion of the indigenous population, and in which native testimony appears in the form of “speeches” or dialogues. The paper seeks to analyze the mediating role played by these writers in establishing conditions for placing Indians as subjects of speech and action. The analysis will examine “speeches” attributed to Indians and reproduced by different cultural mediators, including a sixteenth-century conquistador, a seventeenth-century missionary, and an eighteenth-century royal employee.

Key-words: colonial documentation - aboriginal speeches - mediators

Na documentação colonial produzida por cronistas, missionários, funcionários reais para dar conta dos sucessos da conquista e evangelização dos indígenas, não raro surgem reproduções de “falas” indígenas ou de diálogos entre indígenas e ocidentais. Se por um lado a reprodução destes discursos indica uma condescendência do autor do registro aos indígenas por outro indicam também os condicionantes interpostos pelos mediadores na reprodução da fala indígena e da condição destes de sujeitos ativos no processo colonial. A proposta aqui, é analisar o papel e as condições colocadas pelos mediadores enquanto hierarquizadores da condição do indígena como sujeito de palavras e atitudes. Nesta análise serão estudadas as “falas” atribuídas aos indígenas

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em História da PUC-RS. Projeto financiado pelos CNPq, Proc. N° 480712/2004-2.

reproduzidas por diferentes mediadores culturais, são eles: um conquistador do século XVI, um missionário do século XVII e um funcionário do século XVIII.

Estudar o papel e as condições colocadas pelos mediadores entre a história contada por um indígena e a história escrita pelos respectivos autores de diferentes tipos de documentos, corresponde ao privilégio dos condicionantes militares, religiosos e administrativos *do registro europeu sobre uma parte de um grupo indígena*. Em síntese, o indígena enquanto sujeito histórico atuante, que é visto, registrado, traduzido e interpretado, como uma parte do grande projeto colonial ibero-americano colonial, em particular os propósitos de ‘civilização e cristianização’.

Oportuno esclarecer que os aspectos analisados a seguir, longe de buscar evidenciar uma continuidade sincrônica que identifique culturalmente os indígenas em questão, o propósito maior está em aprofundar a relativização na leitura dos registros documentais propiciando assim evidenciar a dinamicidade das transformações destes grupos diante das diferentes circunstâncias históricas. E é justamente porque mudam, adaptam-se, negociam que continuam identificando-se como indígenas, neste caso, Guarani. Disto resulta como fundamental avaliar *os caminhos possíveis de comunicação entre os elementos priorizados no mundo registrado e aqueles já existentes no mundo de quem registra*. Por último, a análise dos registros advindos de outro momento histórico com autores, cujos propósitos são muito diferentes, evidencia várias outras características do Guarani que, - ao longo de todo esse período colonial – encontrou caminhos, diplomaticamente assumem o papel de negociador. Negociação que em alguns momentos implicou no não enfrentamento ou fuga; em outros, em transformações e ressignificações de certos elementos culturais e ainda em outros momentos na aceitação das regras impostas pela colonização e cristianização. Comportamentos não continuistas, contraditórios ou ocasionais, tais como a própria dinâmica cultural.

A atividade do historiador de interpretar textos como objetos de estudo, busca encontrar os sentidos nos respectivos contextos. Entretanto, a interpretação como produto de nosso trabalho, dificilmente é considerado como objeto de análise, enquanto se mantém a ilusão de construir novos sentidos rompendo com aqueles das gerações anteriores (Campigoto. 2003:230). É a partir desta perspectiva que passamos a analisar as circunstâncias a seguir. Tal como já anunciado, o papel dos mediadores entre a história contada por indígenas e a história escrita por ocidentais no século XVI, terão como foco de análise um relato do capitão Ulrico Schmidel ([1534-1554], 1986:46-

47).² No século XVII, o missionário Antonio Ruiz de Montoya ([1639], 1985: Cap. XII), traz um exemplo privilegiado para o papel do mediador, relatando *falas* indígenas, como se verá adiante. Por fim, já no final do século XVIII, destacou-se para análise a demanda feita pelo Corregedor Paraguá, intitulada *Representación de Narciso Paraguá al Virrey de Buenos Aires*, de 10 de novembro de 1798.

Em todos os casos, há com maior ou menor incidência o diálogo, ou a busca de, entre diferentes posições indígenas com distintos representantes ocidentais da sociedade colonial.

Os relatos e descrições no século XVI, cujos autores são majoritariamente civis, soldados, conquistadores que desempenham o papel de *Adelantados*, ou Adiantadores da conquista espanhola, enfatizam o aspecto guerreiro dos indígenas Guarani. Os confrontos são constantes e não raro há traições, alianças com outros indígenas e crimes contra os espanhóis.³

Em 1537, seguindo o relato de Ulrico Schmidel [1534/1549], a aldeia de Lambaré era fortemente protegida com paliçadas feitas de lanças, rodeada por grande fosso e armadilhas cobertas de palha. Sob o comando de Juan de Ayolas, os espanhóis armados e em formação de guerra, se aproximam da aldeia, com uma proporção aproximada de trezentos arcabuzeiros espanhóis, contra quatro mil indígenas armados com arco e flecha.

Al tiro de aviso, los indígenas se manifestaron con la siguiente "propuesta": "si volvíamos a nuestros barcos, nos proporcionarían bastimentos y lo que fuera menester para que nos fuésemos en paz". Dicho ofrecimiento no correspondió exactamente a las expectativas de los españoles, pues además de que "en cuatro años seguidos no habíamos visto un bocado de pan, teniendo que contentarnos con pescado y carne, a veces con gran escasez", venían con la idea de quedarse y no volver a los barcos. Los **Carios** tomaron sus arcos y dieron la "bienvenida" a los españoles. Estos proponen la amistad y ante la falta de la respuesta esperada, la buscaron disparando los arcabuces. Cuando los indígenas vieron a muchos de los suyos cayendo al suelo con los cuerpos agujereados empezaron a huir. En el atropello de la fuga, cerca de trescientos hombres cayeron en los fosos construidos por ellos mismos para el enemigo. La resistencia de los indígenas se mantuvo durante tres días, cuando éstos preocupados por las mujeres e hijos que tenían consigo,

² Outro exemplo desta circunstância é o caso de emboscada e traição do cacique Arecaré seguido por Guazani e Tabaré apresentados pelo governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca ([1542], 1982: 214-215); que, por motivo de espaço não será tratado aqui.

³ As descrições que seguem, constam no Anexo-Síntesis, in Santos, M. Cristina. 1994: 398-399

pidieron clemencia, "prometiéndolo vivir como nosotros quisiéramos, con tal de perdonarles la vida." Ofrecieron al capitán Juan de Ayolas, seis mujeres, siendo la mayor de 18 años, seis venados y otras piezas. Pidieron que nos quedásemos con ellos y asignaron dos mujeres a cada soldado para que les cuidase y lavase la ropa. También dieron comida y todo lo necesario para el mantenimiento, y así, "nos quedamos en paz". (SCHMIDEL, ([1534/15549]; 1986:46-47.)

No relato de Schmidel sobre os *Carios*, assim como os indígenas chefiados por Arecaré, seguidos por Guazani e Atabaré, relatados por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, apresentam características belicosas, de criar armadilhas enganosas aos conquistadores, reafirmando a convicção para os espanhóis de prosseguir com o espírito e a prática da *guerra de(re) conquista*.

Vejamos agora o relato de Montoya, entre 1612 e 1614 na região do Guairá, sobre o confronto entre lideranças⁴, uma rebelde e outras duas aliadas dos missionários:

Mais adiante que este (povoado) de Santo Inácio encontrava-se outro povo, bastante grande, composto de gente que ali havíamos reduzido. Era seu cacique um índio boníssimo, chamado Araraá, o qual logo que veio a saber do desacato feito pelo cacique Miguel, enviou aos padres um recado, junto com uma boa embarcação, do seguinte teor: "*Vim a saber da sem-vergonhice deste cacique, e que ele trata de matar-vos. Eu folgaria muito, se quisésseis vir a este vosso povo, para vos abrigardes de tal inimigo. Não há de faltar-vos o necessário, nem gente que vos defenda, pois tenho vassallos que saberão fazê-lo. E, para que não haja demora em vossa vinda por falta de embarcações, eu vos envio esta, sendo que fico com o desejo de já vos ver no*

⁴ Roque Maracaná jefe de comunidad cercana a la reducción de Loreto, se negaba a agregarse con su familia al Pueblo, pues "... tenía por deshonor mío agregarme a otro pueblo, habiendo mis antepasados y yo tenido el suyo aparte;...". La aceptación de Roque Maracaná de mudarse para reducción, le vino a través de una revelación durante la noche: "... me despertó una voz que me dijo: *Múdate, haz lo que te manda el Padre*";. Después de aceptar la reducción, Maracaná se convierte en gran aliado de los misioneros, prestando su elocuencia y su gente para nuevas conversiones.(RUIZ DE MONTOYA, A. 1639; Cap. XV: 20Vto, 1985:66-68)

Em 1614, el cacique y chamán Miguel Artiguaye fue bautizado y se casó. Luego rechazó a su mujer legítima y puso en su lugar una concubina. Él se disfrazaba de sacerdote e imitaba el culto católico de "rezar misa". Sus discursos eran un ataque declarado: "*Los demonios nos han traído a estos hombres, pues quieren con sus nuevas doctrinas sacarnos del antiguo y buen modo de vivir de nuestros passados, los cuales tuvieron muchas mugeres, muchas criadas, y libertad en cogerlas a su gusto: y ahora quieren que nos atemos a una muger sola. No es razon para que esto pase adelante, sino que los desterremos de nuestras tierras, o les quitemos las vidas. (...) Vosotros no sois Sacerdotes embiados de Dios para nuestro remedio, sino demonios del infierno embiados por su Principe para nuestra perdición. Que doctrina aveis traído? Que descanso, y contento? Nuestros antepassados vivieron con libertad, teniendo a su sabor las mugeres que querian, sin que nadie les fuese a la mano, con que vivieron, y pasaron su vida con alegría; y vosotros quereis destruir las tradiciones suyas, y ponernos una tan pessada carga como atarnos con una muger (y saliendo del aposento dixo) No será así, que yo lo remediarè... .Ya no se puede sufrir la libertad destes, que en nuestras mismas tierras quieren reducirnos a vivir a su mal modo.*" (RUIZ DE MONTOYA, A. R. [1639]:16-17,1985: 58)

povoado que vos pertence". (...) Estava o cacique Roque totalmente desprevenido –também o Pe. Simão e eu – quanto àqueles alvoroços, quando ouviu um grande vozerio e ruído de tambores. Perguntou então a seus criados por aquela novidade e, obtido informe de tudo, pediu sua espada e sobraçou um escudo, mostrando-se galhardo –era-o de fato- e muito bem disposto. Saltou o cacique Miguel em terra. Seus soldados puseram-se em duas filas, conduzindo a ele em seu meio como capitão. Embracada sua rodela e cingida sua espada, à usança dos nobres e antigos, começou a marchar, falando em alta voz e dizendo: *"Irmãos e filhos meus, já não é mais tempo de sofrermos tantos males e calamidades, como nos vêm através dos que chamamos padres. Encerrem-nos eles numa casa –dir-se-ia igreja – e ali nos falam e dizem o contrário do que fizeram e ensinaram nossos antepassados. Tiveram eles muitas mulheres, sendo que estes (padres) no-las tiram e querem que apenas nos contentemos com uma. Isso não nos fica bem.! Busquemos pois o remédio de tais males!"* (Montoya,[1639], 1985.Cap.XII:60).

Diante de tal ameaça, Roque Maracanã sai acompanhado de, aproximadamente 14 guerreiros, saúda a Miguel de Artiguaye e imediatamente pergunta-lhe: *"acaso trazeis cartas dos padres de vosso povo aos padres que se acham aqui abaixo?"* Ao que ouviu como resposta, *"Não é tempo de cartas, mas que honremos o modo de vida de nossos antepassados e de que acabemos já com estes padres, e gozemos de nossas mulheres e de nossa liberdade"*. (Montoya,[1639], 1985.Cap.XII:60).

O relato termina, evidentemente, com o enfrentamento entre os partidários de Roque Maracanã e os de Miguel Artiguaye, sendo que estes últimos acabaram por debandar, humilhados pela derrota. Depois, ainda conforme Montoya ([1639], 1985. Cap.XII:61), Artiguaye retorna ao povoado, pede perdão aos padres, "finge" despedir-se de sua antiga manceba e permanece com sua "verdadeira mulher", *disfarçando* viver conforme os preceitos cristãos.

Entre todos os autores da época, sem dúvida, Ruiz de Montoya é o mais prolífico em reproduzir discursos indígenas, sejam índios gentílicos ou convertidos. Todos corroboram a necessidade de explicitar os desafios enfrentados e os avanços conseguidos com os trabalhos missionários. Ainda que permaneça a hierarquia de *bárbaros e cristãos*, a história contada pelos indígenas de Montoya é uma história da vitória da conversão ao cristianismo. As ameaças sofridas pelos sacerdotes, presentes nos discursos de Miguel Artiguaye, reforçam ainda mais a garantia e a força dos neófitos convertidos, como Araraá e Maracanã. São suas atitudes protecionistas e a capacidade de enfrentamento com os rebeldes que dão o tom edificante de uma obra

que, apesar de ser escrita quase vinte depois dos eventos narrados, parece-se com um “diário de campo”.

Em contraste aos indígenas que *falam* por intermédio dos relatos dos conquistadores primeiros e dos missionários depois, Narciso Paraguá é um indígena originário do povoado de Santiago, morador da cidade de Buenos Aires que assume o papel de mediador entre todos os indígenas estabelecidos na referida cidade e o representante máximo da coroa na administração local, o Vice-Rei Avilés. O expediente de Paraguá encontra-se no *Archivo General de la Nación* (AGN), no qual ele se apresenta “*a V.E., con la mayor sumisión y el más profundo acostamiento a nombre de todos los Indios e Indias residentes en esta ciudad, representa y dice*”

Que (...) se le ha dado ampliamente orden expresa del Señor Administrador general de Misiones, a efecto de que con la posible anticipación salga personalmente por todos los barrios y carteles de esta capital a recoger y juntar todas los indios e indias que se hallen en esta capital oriundos de los Pueblos de Misiones y los presente a la Real Cárcel de ella, (...) El suplicante se halla en la próxima de ejecutar y cumplir esta orden sin la menor discrepancia pero, al mismo tiempo se ve en la recelosidad de hacer a VE la más rendida súplica en nombre de todos los Naturales, ya atendidos los perjuicios que les irrogan y por consiguiente a que siendo unos pobres en todo y desamparados por lo mismo son recomendados por el soberano y acreedores como tales a experimentar la gracia de V.E. (...) (AGN, Interior, Leg. 45, Exp 13)

O expediente realizado contra Nazario Paraguá, em função de sua solicitação para permanecer em Buenos Aires, foi qualificada como “sublevação”, entretanto apresenta também os condicionantes que impeliam os indígenas à deserção dos povoados. Em função do contínuo despovoamento, o Administrador Geral Manuel Cayetano Pacheco solicita ao Vice-Rei, a permissão para mandar recolher todos os fugitivos que se encontrassem na capital e arredores. Obtida a autorização, o Administrador encarrega o Corregedor de Santiago. D. Nazário Paraguá, fugitivo em Buenos Aires, a tarefa de cumprir com a tarefa de recolher e entregar todos os demais fugitivos na prisão de Buenos Aires para daí serem repatriados aos seus povoados de origem.

Entretanto Nazario Paraguá parece ser a exceção do protótipo de Corregedor da segunda metade do século XVIII, que sempre buscavam uma forma de satisfazer os superiores em troca de favores pessoais. Na realidade o Administrador não lhe ofereceu maiores vantagens do que voltar ao seu povoado, reocupar o cargo de Corregedor e aproveitar dos privilégios próprios de seu papel. Ao Corregedor, tais privilégios não

eram suficientemente seduzíveis para que deixasse a cidade. Como corresponde a um **Don**, o ex-Corregedor, educadamente, apresenta ao Vice-Rei os "*perjuicios irrefragables (hablando con el debido respecto)*" na hipótese de cumprir com o determinado pelo Governador.

El abandono que hace intempestivo la mujer casada de su marido, por hallarse ausente en ajena vecindad. La ausencia que hace la Madre del hijo por igual circunstancia, la pérdida tan lamentable y el abandono que hacen de sus cortos bienes que, afuera tantos cansacios tiene adquiridos (...) quien en presto al tener de la orden ha malbaratado todos sus bienecitos por la decima parte que costaron viendose lo más o todos en la reconsideración de malbaratar sus haciendas y bienecitos afín de no perderlos todos ... y sin facultades ni aún la más pequeña, para mantenerse en la transmigración de sus personas y mucho menos en un tiempo tan crítico cual el presente en que nuestro Católico Monarca se halla carente de soldados por el servicio de Armas, y cuyo efecto se hallaba en la actualidad el Capitán de Naturales D. Bentura Ysaurral formando sus compañías con el fin de acuartelar y ponerlos a disposición de V.E., no hay duda que no podrá poner en ejecución como desea esta nueva disposición ... todas las familias que se hallan en esta capital sirvan a beneficio a la república por hallarse los más de ellos ocupados en sus oficios mecánicos y las mujeres en sus labores de plancha, lavado y cocina, ... y de sus conductas y operaciones podrán informar los Alcaldes de Barrios.⁵

Para o ex-Corregedor, sem dúvida, a possibilidade de permanecer na cidade lhe parecia mais rentável., pois segundo o Administrador Geral sua casa era como uma autêntica *máfia da imigração ilegal* “un receptáculo de todos ellos abrigando sus desórdenes que, adornado de algunos sentimientos de pundonor y bien público, se ha constituido en Apoderado General de Oficio, y sin nombramiento de dichos Indios que representa.⁶ Quando começou o ano seguinte, o Fiscal e o Protetor de Índios dão Parecer favorável ao pedido do Administrador, mandando que todos os índios voltassem aos seus povoados.⁷

⁵ AGN. IX: 30-6-3. Interior, Leg. 45. Expd. 13, fol. 2R. Representación del Corregidor Nazario Paraguá al Virrey. Buenos Aires, 10 de noviembre de 1798. Foi mantida a grafia original dos documentos manuscritos

⁶ AGN. IX: 30-6-3. Interior, Leg. 45, Expd. 13. Representación de Manuel Cayetano Pacheco al Virrey. Buenos Aires. 13 de noviembre de 1798. O Administrador manifesta não somente seu arrependimento por haver confiado dita missão ao Corregedor, mas também suplica "*despreciar en el todo la representación del Indio Nazario, no admitir pedimiento alguno de esta clase, por lo contrario se embasa a esta Superioridad con infinidad de recursos y ocuparía esta Administración General con Informes, perdiéndose el tiempo.(...)*

⁷ AGN.IX: 30-6-3. Interior, Leg. 45. Expd. 13. Parecer del Fiscal Herrera. Buenos Aires, 2 de enero de 1799.

Procurou-se assim indicar que “a voz do índio” manifestou-se desde o início do contato, porém segue por caminhos tortuosos, em função dos interesses e preocupações contextuais dos respectivos autores dos relatos. Dos violentos e escamoteadores *Carios* de Assunção da primeira metade do século XVI, passando por discursos, conscientemente enquadrados em seu tempo, com recursos de linguagem que oscila entre a ameaça e a provocação da resposta de Artiguaye para Maracanã, afirmando aquele momento de confronto como “não é tempo de cartas”. Chegamos aos floreios da burocracia oficial do final do século XVIII, quando Paraguá vem requisitar justamente permissão oficial para permanecer em Buenos Aires, vivendo conforme as novas condições sociais e econômicas do desenvolvimento do contexto colonial.

Desta forma, o indígena na documentação colonial, não é um sujeito oculto, desprezado ou escondido nas entrelinhas dos documentos. Tampouco ausente e sem história por ser iletrado ou considerado de forma unilateral pelos cronistas ocidentais. Entretanto, o equívoco que esta presença constante das atitudes ou manifestações verbais registradas, pode levar, é justamente interpretá-las como subterfúgios, disfarces indígenas para que, pese à conjuntura colonial na qual estão inseridos, *lutem para permanecer com suas tradições*, como se não fossem possuidores da dinamicidade cultural de todos os povos. Ou ainda pior, não tivessem consciência da realidade por eles vivida.

Assim como desconsiderar essa potencialidade dos indígenas, tampouco é possível permitir o equívoco de uma interpretação superficial e unilateral, que não percebe os colonos, missionários, funcionários reais igualmente mutantes, oportunistas, conforme a dinâmica da vida colonial.

Referências Documentais e Bibliográficas

AGN - **Archivo General de la Nación** Argentina. Buenos Aires. Sección: Sala IX – Colonia / Gobierno / Interior, Legajo: 45 (30-6-3).

CAMPIGOTO, José Adilçom. Interpretação de textos, de historia e de intérprete. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 46, 2003: 229- 252.

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. **Naufragios y comentarios**. Madrid: Edición de Roberto Ferrando. Crónicas de América 3. Historia 16.. [1555]1984.

RUIZ DE MONTROYA, Antônio (SJ). **Conquista espiritual** feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985 [Madrid: Imprenta del Reyno. 1639. Biblioteca Nacional de Madrid, Sec. Raros, Sign. 3216].

SANTOS, M. Cristina. “Aspectos de la resistencia Guaraní: los proyectos de integración en el Virreinato del Río de la Plata. (1786-1805).” **Tesis Doctoral**. Madrid: Universidad Complutense, Facultad de Geografía e Historia, Departamento de Historia de América II. 1993/94.

SCHIMIDEL, Ulrico. **Relatos de la conquista del Río de la Plata y Paraguay**. Madrid: Alianza Editorial. [1534-54]1986.